RBCE
Revista Brasileira de Ciências do Esporte

Dossiê

Do “Calada vence” ao “a Marta mudou uma geração, a gente também pode”: ativismo, agência e empoderamento de jogadoras de futebol no Brasil

From “Silence wins” to “Marta changed a generation, we can too”: activism, agency, and empowerment of female football players in Brazil

Del “Callada gana” al “Marta cambió a una generación, nosotras también podemos”: activismo, agencia y empoderamiento de jugadoras de fútbol en Brasil

Chellsea Hortêncio Alcântara[a,b]*, Mariana Zuaneti Martins[c], João Cláudio Braga Pereira Machado[d], Larissa Rafaela Galatti[a,b]

Palavras-chave:
Futebol;
Mulheres;
Empoderamento;
Ativismo.

RESUMO

Este estudo analisou como jogadoras de futebol no Brasil percebem e vivenciam o ativismo esportivo, a agência e o empoderamento coletivo. Realizou-se uma Análise Temática Reflexiva de dados produzidos em grupos focais com elicitação fotográfica com 48 jogadoras de quatro clubes profissionais de diferentes regiões do Brasil. Quatro temas emergiram: consciência crítica das desigualdades estruturais; agência condicionada pelo silenciamento institucional; objetivos autodeterminados construídos coletivamente; e o grupo focal como espaço político de empoderamento coletivo. Concluímos o empoderamento das jogadoras de futebol como um processo não linear, situado e relacional, manifestando-se em resistências cotidianas e coletivas que transcendem os atos públicos de ativismo.

Keywords:
Soccer;
Women;
Empowerment;
Advocacy.

ABSTRACT

This study examined how female football players in Brazil perceive and experience sports activism, agency, and collective empowerment. A Reflexive Thematic Analysis was conducted on data produced through photo-elicitation focus groups with 48 players from four professional clubs across different regions of Brazil. Four themes emerged: critical consciousness of structural inequalities; agency conditioned by institutional silencing; self-determined goals built collectively; and the focus group as a political space for collective empowerment. We conclude that the empowerment of female football players is a non-linear, situated, and relational process, manifesting in everyday and collective forms of resistance that transcend public acts of activism.

Palabras clave:
Fútbol;
Mujeres;
Empoderamiento;
Activismo.

RESUMEN

Este estudio analizó cómo las jugadoras de fútbol en Brasil perciben y vivencian el activismo deportivo, la agencia y el empoderamiento colectivo. Se realizó un Análisis Temático Reflexivo de datos producidos en grupos focales con elicitación fotográfica con 48 jugadoras de cuatro clubes profesionales de diferentes regiones de Brasil. Emergieron cuatro temas: conciencia crítica de las desigualdades estructurales; agencia condicionada por el silenciamiento institucional; objetivos autodeterminados construidos colectivamente; y el grupo focal como espacio político de empoderamiento colectivo. Concluimos que el empoderamiento de las jugadoras de fútbol es un proceso no lineal, situado y relacional, que se manifiesta en resistencias cotidianas y colectivas que trascienden los actos públicos de activismo.

[1]Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, SP, Brasil.
[2]Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas – FCA, Laboratório de Estudos em Pedagogia do Esporte – LEPE. Limeira, SP, Brasil.
[3]Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Esportes. Vitória, ES, Brasil.
[4]Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação Física e Fisioterapia. Manaus, AM, Brasil.

***Autor correspondente:**
Chellsea Hortêncio Alcântara
E-mail: chellseaalcantara_14@hotmail.com

Recebido em 30 de junho de 2026; aceito em 15 de setembro de 2026.

Editores(as) responsáveis:

Editor Executivo: Pedro Otavio Pimpim Bezerra

Editora Associada: Fernando Cavalcante

Editor Final: Ari Lazzarotti Filho

DOI: https://doi.org/10.1590/rbce.48.e20260082

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

INTRODUÇÃO

O futebol praticado por mulheres no Brasil atravessa um momento de expansão institucional e aumento da visibilidade, impulsionado pela regulamentação das categorias de base, pelo crescimento do número de clubes filiados à Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e pela realização da Copa do Mundo de 2027 no Brasil (Barreira et al., 2025; Delarmelina et al., 2025). No entanto, esses avanços convivem com a permanência de desigualdades que seguem prejudicando as condições de trabalho, o acesso a recursos e o reconhecimento social das atletas. Contratos precários, baixos salários, infraestrutura limitada e sub-representação de mulheres em posições de liderança esportiva continuam fazendo parte da realidade do futebol de mulheres no país (Alcântara et al., 2024; Martins et al., 2024a, b; Passero et al., 2020). Esse descompasso entre avanço institucional e precariedade vivida é herança direta da proibição do futebol de mulheres vigente no Brasil entre 1941 e 1979, período em que o esporte foi considerado incompatível com as mulheres, cujos efeitos ainda se refletem na forma como a modalidade é organizada e na legitimidade cultural da modalidade e no reconhecimento das trajetórias das atletas (Goellner, 2021).

O ativismo esportivo protagonizado por atletas tem emergido como campo nos estudos de gênero e ciências do esporte (Magrath, 2021; Valiente, 2021). Jogadoras de futebol têm utilizado plataformas públicas, protestos coletivos e gestos simbólicos para denunciar desigualdades e reivindicar direitos (Pisani et al., 2025; Valiente, 2021). Exemplos internacionais incluem a recusa de Ada Hegerberg em disputar a Copa do Mundo de 2019 contra o tratamento desigual entre homens e mulheres, o ativismo de Megan Rapinoe em defesa dos direitos LGBTIQA+, e a greve das jogadoras espanholas em 2019, que resultou em piso salarial mínimo e melhores condições de trabalho na primeira divisão (Magrath, 2021; Martins e Reis, 2025; Valiente, 2021). No Brasil, o protesto coletivo da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 2007 e a manifestação de Marta pelo "*Equal Play, Equal Pay*" em 2023 tornaram-se marcos de um ativismo por reconhecimento e equidade no futebol (Martins e Reis, 2025).

Contudo, a literatura ainda é escassa em investigações que analisem como as próprias jogadoras percebem esse ativismo, compreendem sua agência e constroem objetivos coletivos de transformação, especialmente em contextos marcados por precariedade laboral e silenciamento institucional (Alcântara et al., 2026b). Pesquisas sobre o caso espanhol demonstram que jogadoras organizam suas dinâmicas em torno de reconhecimento e redistribuição de recursos (Martins e dos Reis, 2018), mas permanece em aberto o quanto esse ativismo alcança categorias de formação e amadoras, bem como a legitimidade cultural da modalidade (Valiente, 2021). Diante desse cenário, analisamos os sentidos de ativismo esportivo e empoderamento para jogadoras de futebol em processo de profissionalização.

Para tanto, adotamos três noções: a consciência crítica (reconhecimento das desigualdades estruturais que moldam as condições de vida), agência (capacidade de agir a partir dessa consciência, incluindo poder agir [can], perseguir objetivos próprios [act] e resistir a retaliações [resist]) e objetivos autodeterminados (aspirações construídas pelos próprios sujeitos sem necessidade de validação externa) (Raj et al., 2024, 2021). Essas noções compõem o empoderamento como processo contextual, não linear e desigual (Raj et al., 2024). Embora originalmente desenvolvida para pesquisas em saúde global, essa perspectiva tem sido adotada em estudos sobre esporte e gênero por captar resistências cotidianas, aspirações coletivas e problematização das desigualdades para além dos atos públicos de contestação (Alcântara et al., 2026b).

MÉTODO

ABORDAGEM E DELINEAMENTO

Este artigo apresenta uma Análise Temática Reflexiva secundária de dados qualitativos produzidos a partir de dados coletados em uma pesquisa de doutorado sobre profissionalização do futebol de mulheres no Brasil (Alcântara et al., 2026a, b). O conjunto de dados dessa pesquisa abrange diferentes temas relacionados às relações de poder como desigualdades estruturais, mecanismos disciplinares, narrativas hegemônicas e relações interpessoais, dimensões que vêm sendo exploradas em outra análise a partir do mesmo banco de dados. A análise qualitativa secundária consiste na reinterpretação de um conjunto de dados empíricos existente para responder a uma nova questão de pesquisa ou explorar dimensões analíticas não priorizadas na investigação original (Ruggiano e Perry, 2019). No presente estudo, os dados são reexaminados a partir do framework EMERGE (Raj et al., 2024, 2021), com foco nas percepções das atletas sobre ativismo esportivo, agência e o grupo focal como espaço de empoderamento coletivo, presentes no material empírico original da tese, mas não analisados anteriormente, nem centrais ao propósito inicial de mapeamento das condições de profissionalização. Para reduzir o risco de que os dados fossem forçados a se ajustar ao framework, retornamos ao conjunto integral das transcrições dos grupos focais, e não apenas aos trechos previamente destacados na tese, para conduzir esta análise secundária, e a adequação dos temas emergentes às dimensões do EMERGE foi discutida coletivamente pela equipe de pesquisa.

PARTICIPANTES E CONTEXTO

Participaram do estudo 48 jogadoras de futebol com 18 anos ou mais (média de idade = 19,8 ± 2,8 anos), recrutadas em quatro clubes brasileiros que disputavam as categorias Sub-20 e principal. Um clube se situa no Nordeste (Série A1) e três do Sudeste (dois da Série A1 e um da Série A2 do Campeonato Brasileiro Feminino).

Tabela 1. Características dos grupos focais.

Clube	Número de jogadoras	Categoria	Duração (min.)	Período da coleta
A	8	7 Sub-20; 1 Sub-20/principal	86	Novembro 2023
A	6	2 Sub-20; 4 Sub-20/principal	64	Novembro 2023
B	7	Sub-20	49	Junho 2024
C	7	6 Sub-20; 1 Sub-20/principal	65	Maio 2024
D	12	Sub-20	47	Agosto 2024
D	7	Principal	73	Agosto 2024

Fonte: elaborada pelas autoras.

Quadro 1. Imagens de foto-elicitação utilizadas nos grupos focais.

Ordem	Tema da imagem	Descrição/foco	Fonte
1	Pioneira	Sissi com a seleção brasileira, introduzindo referências históricas do futebol praticado por mulheres e trajetórias iniciais	Arquivo público (Link)
2	Protesto Coletivo	Protesto da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2007, estimulando discussão sobre ação coletiva e desigualdade de gênero	Arquivo público (Link)
3	Ativismo individual	Protesto de Marta "*Equal Play, Equal Pay*", incentivando reflexões sobre voz, posicionamento e ativismo de atletas	Arquivo público (Link)
4	Condições de trabalho	Entrevista de Tamires criticando as condições do gramado, estimulando debate sobre condições cotidianas de trabalho	Arquivo público (Link)
5	Aspirações futuras	Faixa com a frase "Em 10 anos vou jogar pelas Matildas", promovendo reflexões sobre visibilidade, inspiração e futuras gerações	Cobertura midiática internacional da Copa do Mundo Feminina de 2023 (Austrália).
6	Imagem da equipe	Imagem do clube representando conquista coletiva, identidade, pertencimento e posicionamento das atletas como referência	Arquivo do clube

Dessas atletas, 12,5% transitavam entre as categorias sub-20 e principal, 72,9% se dedicavam exclusivamente ao sub-20 e 14,6% a equipe principal. Com relação à raça, 45,8% das atletas se autodenominam brancas, 39,6% negras, além 6,3% de jogadoras amarelas e indígenas. Embora a maior parte tenha nascido na região Sudeste (62,5%), participaram atletas de diferentes regiões do país, incluindo Nordeste (25%), Centro-Oeste (6,3%), Sul (4,2%) e Norte (2,1%).

Todas as participantes possuíam contrato com seus clubes, mas apenas 58,3% tinham vínculo formal de trabalho via CLT. Em relação à renda, parte significativa recebia até dois salários-mínimos[1], e 72,9% afirmaram que a renda obtida no futebol não era suficiente para cobrir despesas para além da própria prática esportiva. Esse perfil nos ajuda a contextualizar a interpretação das falas das participantes. Os quatro clubes onde jogam as participantes possuem entre 10 e 25 anos de envolvimento com o futebol feminino e são oficialmente certificados como centros de formação de base pela CBF.

GRUPOS FOCAIS COM FOTO-ELICITAÇÃO

Os dados foram produzidos por meio de seis grupos focais com abordagem de foto-elicitação, conduzidos presencialmente nas dependências dos quatro clubes participantes entre novembro de 2023 e agosto de 2024. Os grupos variaram entre seis e doze participantes, com duração de 47 a 86 minutos (Tabela 1).

A foto-elicitação foi empregada para estimular reflexão e diálogo, possibilitando que as atletas articulassem experiências corporais, emocionais e socialmente situadas que dificilmente emergiriam por meio de perguntas verbais isoladas (Azzarito, 2010; Sparkes e Smith, 2013).

Previamente à coleta principal, o protocolo de foto-elicitação foi testado e refinado por meio de um estudo piloto com nove jogadoras de futebol, atuantes ou não à época, cujas devolutivas orientaram ajustes no instrumento antes da aplicação dos grupos focais. As imagens foram selecionadas de maneira progressiva de referências históricas e coletivas do futebol de mulheres para exemplos contemporâneos e vivências cotidianas nos clubes, favorecendo um movimento reflexivo do contexto mais amplo para as trajetórias pessoais das participantes (Quadro 1).

Os grupos focais foram conduzidos presencialmente em salas reservadas nas dependências dos clubes, com as participantes sentadas em semicírculo para facilitar a interação. Cada uma das seis imagens foi passada de mão em mão por todas as jogadoras sem limite algum de tempo, depois de cada circulação, a moderadora abria a roda de conversa com a pergunta: "o que vocês sentem ao ver essa imagem?" e então era seguido um roteiro estruturado para cada uma das imagens para abordar as transformações ao longo do tempo na modalidade (Figura 1).

[1] O salário mínimo brasileiro em 2023 era R$ 1.320,00.

Foto 1



Foto 2



Foto 3

A maior jogadora da história já afirmou que a luta não se trata apenas de dinheiro, mas sim pela igualdade de gênero.



Marta aponta para a chuteira ao abrir placar em pênalti contra Austrália na Copa do Mundo da França
Imagem: Jean-Paul Pelissier/Reuters

Foto 4

Após título, Tamires elogia o Corinthians e critica Flamengo por colocar time em campo ruim

Atacante das Brabas disse que o clube Rubro-Negro não pode colocar as jogadores para atuar em um estádio tão ruim quanto o Luso-Brasileiro, palco da semi da Supercopa

GLOBOESPORTE.COM / REDAÇÃO DO GE
Publicado em: 12/02/2023



Tamires comemora o 7º título conquistado: 'Uma conquista de todas nós'

Foto 5



Foto 6

Foto de cada equipe retratando um momento significativo durante a temporada

Figura 1. Sequência de imagens utilizadas nos grupos focais com foto-elicitação.
Fonte: elaborada pelas autoras.

PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Todas as participantes assinaram termo de consentimento livre e esclarecido antes de sua participação. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual de Campinas (número de aprovação – CAAE: 70118223.3.0000.5404). Para garantir a confidencialidade, as participantes receberam códigos numéricos (ex.: Jogadora 1, Jogadora 2); jogadoras numeradas de 1 a 41 correspondem à categoria Sub-20, e de 42 a 48 à categoria principal. Nomes próprios e identificações de clubes foram anonimizados sempre que possível. Em alguns trechos, marcadores de raça, orientação sexual e/ou região de origem das participantes foram incluídos junto às falas citadas, exclusivamente quando essa informação era relevante para interpretação do conteúdo relatado. Essa escolha buscou equilibrar a leitura interseccional dos dados (Collins e Bilge, 2021) com a proteção da identidade das participantes, evitando marcadores que pudessem torná-las individualmente identificáveis dentro da amostra.

ANÁLISE DOS DADOS

Os grupos focais foram gravados em áudio e vídeo e transcritos na íntegra pelo *software Transcribe*, com posterior revisão manual para assegurar precisão. Os dados foram analisados por meio da Análise Temática Reflexiva (ATR), seguindo as seis fases propostas por Braun e Clarke (Braun et al., 2016; Braun e Clarke, 2023, 2006): familiarização com os dados, codificação inicial, desenvolvimento de temas, revisão e refinamento, nomeação dos temas e elaboração do relatório. A análise foi conduzida de forma iterativa e reflexiva, reconhecendo o papel ativo das pesquisadoras na construção de sentido (Braun e Clarke, 2019). A codificação e o desenvolvimento dos temas foram apoiados pelo *software* de análise qualitativa *Taguette*. O processo analítico combinou engajamento indutivo com os relatos das participantes e interpretação dedutiva orientada pelas noções de consciência crítica, agência e objetivos autodeterminados (Raj et al., 2024, 2021). Esse processo possibilitou a criação dos temas, com atenção particular às percepções das atletas sobre o ativismo e ao próprio grupo focal como espaço de empoderamento coletivo.

REFLEXIVIDADE DA EQUIPE DE PESQUISA

Este estudo é orientado por uma abordagem qualitativa reflexiva. A equipe de pesquisa é composta por quatro acadêmicas(os) com atuação consolidada no campo do futebol praticado por mulheres no Brasil. As posições das autoras e do autor são atravessadas por intersecções entre marcadores sociais e trajetórias profissionais, incluindo gênero, sexualidade, região, formação acadêmica e experiências corporificadas no futebol. Especificamente, a equipe inclui três mulheres e um homem; dois pesquisadores se identificam como heterossexuais e duas como lésbicas; dois são da região Norte do Brasil e dois da região Sudeste. Toda autoria possui doutorado, e duas têm mais de 15 anos de experiência em pesquisa qualitativa no campo do esporte e dos estudos de gênero. Além disso, duas autoras possuem experiência prévia com o futebol como ex-jogadoras, para além de suas atuações como pesquisadoras. Os grupos focais foram conduzidos por duas integrantes da equipe com contato prévio com os clubes e as atletas, o que facilitou a construção de vínculo, confiança e diálogo aberto durante as sessões. A reflexividade atravessou todo o processo de pesquisa, e os significados foram compreendidos como construídos na interação entre pesquisadoras/es e participantes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise temática reflexiva dos seis grupos focais produziu quatro temas organizados em torno das dimensões de consciência crítica, agência e objetivos autodeterminados. Um quarto tema examina o próprio grupo focal como espaço de empoderamento coletivo, tema que emergiu em todos os grupos (Figura 2).



Figura 2. Mapa temático do empoderamento de jogadoras de futebol.
Fonte: elaborada pelas autoras.

"A GENTE JÁ TÁ LUTANDO TODOS OS DIAS": CONSCIÊNCIA CRÍTICA E RECONHECIMENTO DA DESIGUALDADE ESTRUTURAL

A consciência crítica é entendida como a capacidade de reconhecer desigualdades estruturais, nomeá-las e situá-las em um contexto histórico e social mais amplo (Raj et al., 2021). Nos grupos focais, essa consciência emergiu especialmente pelas imagens do protesto coletivo de 2007 e da manifestação da Marta de 2019, evidenciando que as jogadoras identificaram que as dificuldades vividas no futebol não eram experiências individuais, mas fruto de desigualdades de gênero que atravessam suas trajetórias desde a infância e ainda produzem socialmente o futebol como uma área de reserva masculino (Dunning, 1986; Williams, 2006).

Na visão de uma jogadora do Sub-20, a luta por igualdade não começa no esporte, ela é anterior: "A nossa luta começou quando a gente nasceu mulher, e a nossa luta ficou maior quando a gente decidiu que ia jogar bola. Quando a gente decidiu jogar esporte de macho, nossa, aí ponto. É o ponto pra dificultar mais a nossa vida" (Jogadora 23). Ao articular a percepção sobre a desigualdade de gênero como ponto de partida e o futebol como amplificador dessa experiência, a jogadora demonstra uma leitura interseccional das desigualdades (Alcântara et al., 2026b; Collins e Bilge, 2021). Gênero é entendido como construção cultural e de forma relacional, demonstrando que a forma como socialmente se diferencia homens e mulheres estabelece campos de distintos de atuação, características, como também hierarquias de poder (Scott, 2007). Esses discursos culturais restringiram historicamente a presença das mulheres no esporte, com reflexos com reflexos atuais dos anos de proibição de 1941–1979 (Goellner, 2021). Ao definir o futebol como "esporte de macho", a jogadora evidencia a percepção de que a participação das mulheres no futebol continua sendo socialmente tensionada, negociada e, em certa medida, considerada desviante.

A mesma jogadora conecta esse reconhecimento a uma forma de resistência cotidiana: "a gente já tá quebrando o tabu aos pouquinhos. A gente já tá lutando todos os dias" (Jogadora 23). Nessa perspectiva, continuar jogando, treinando e ocupando espaços historicamente negados às mulheres aparece como forma contínua de resistência, mesmo quando não assumem a visibilidade de protestos públicos (Pisani et al., 2025). A imagem do protesto de 2007 gerou mais reflexão dessa jogadora sobre a permanência da desigualdade: "É tipo uma gota d'água. Não tem mais o que fazer, a gente vai gritar pro mundo todo que é o que acontece até hoje. Só que de diferentes formas. Hoje a gente tem rede social, tudo isso, mas mesmo assim a gente grita todos os dias. A desigualdade é estrutura que a gente não tem" (Jogadora 23). Lutar aparece naturalizada no cotidiano das jogadoras, indicando que elas ainda dependem de um esforço contínuo de legitimação, adaptação e enfrentamento das desigualdades para terem reconhecimento enquanto atletas.

A comparação com o futebol praticado por homens evidencia a disparidade: "os caras têm uma liberdade maior que a gente, então a gente tem que estar sempre andando muito na luta" (Jogadora 21). A imagem do protesto da Marta ainda provocou a consciência sobre a disparidade de investimentos e salários entre homens e mulheres. "A gente vê meninas do nosso elenco sub-20, que vai pra seleção, que vai pro mundial, e não ganha nada. Mas se fosse um homem, nossa, ele estaria ganhando rios de dinheiro com patrocínio. Desde os 12 anos" (Jogadora 7).

No grupo focal com atletas profissionais do Nordeste, a consciência das desigualdades se manifestou também na percepção dos limites e da lentidão das transformações. Diante da pergunta sobre se os protestos mudariam algo, uma jogadora respondeu: "É muito lento, tipo, ela fez isso aí [...] A evolução é muito lenta" (Jogadora 16). Essa tensão entre consciência crítica e os limites das possibilidades de transformação é parte constitutiva do processo de empoderamento, pois a consciência não elimina a precariedade, mas a torna nomeável e passível de ação (Raj et al., 2021), especialmente em contextos de menor visibilidade como o dos clubes nordestinos (Accocella et al., 2023; Barreira et al., 2025; Sena et al., 2024). Além disso, a consciência crítica das atletas demonstra como os avanços da profissionalização ainda permanecem distantes de igualdade de gênero, sendo limitados por uma estrutura ainda generificada e hierarquizada (Valiente, 2021; Williams, 2006).

Apesar disso, as atletas apresentam consciência histórica das conquistas e as referem como fruto de mobilizações coletivas: "hoje a gente tá aqui com carteira assinada, só porque lá no passado você foi uma das pessoas que brigou por isso" (Jogadora 42). Essa fala reforça a compreensão de que os avanços não são individuais ou espontâneos, mas resultam de processos coletivos de resistência (Berth, 2019; Raj et al., 2021). A consciência crítica incluiu ainda o reconhecimento dos limites do alcance das conquistas: "a gente é muito burra, a gente não sabe os direitos que a gente tem" (Jogadora 42). Apesar da jogadora culpabilizar a categoria de forma generalizada por essa dificuldade, a limitação no acesso a direitos não pode ser compreendida como falha individual, mas como condição estrutural, e reconhecê-la é um movimento em direção a ação e ao empoderamento (Raj et al., 2024, 2021).

Esse achado dialoga com estudo realizado com jogadoras brasileiras que indica que, embora nem todas se identifiquem explicitamente como feministas, suas atitudes se alinham a indignação diante das desigualdades e a perspectivas de transformação do futebol de mulheres (Alcântara et al., 2026b). Os grupos focais aprofundam esse resultado ao evidenciar que a consciência crítica não se configura como disposição individual isolada, mas produzido na circulação de experiências e no reconhecimento mútuo das desigualdades vividas no futebol.

"CALADA VENCE": AGÊNCIA CONDICIONADA E FORMAS COTIDIANAS DE AÇÃO

Embora a dimensão da agência se refira à capacidade de agir com base na consciência das desigualdades, a mesma também pode ser direcionada por estruturas de poder que tornam o silêncio estratégico. A expressão: "calada vence" (jogadora 29) surgiu de forma espontânea ao final de uma discussão sobre as consequências de se posicionar publicamente, indicando que o silêncio não significa a ausência de consciência crítica ou passividade política, mas uma leitura pragmática das relações de poder. Deste modo, a fala sintetiza um dos achados do grupo focal, segundo o qual a agência das jogadoras não se manifesta apenas em atos públicos de enfrentamento, mas também em estratégias cotidianas de negociação, sobrevivência, influência e resistência produzidas em contextos marcados pela possibilidade de retaliação. Isso porque as jogadoras lembraram de atletas da Seleção brasileira que se manifestaram e ficaram de fora das convocações seguintes. "Eu admiro muito essas mulheres que botam a cara e falam em entrevista porque a consequência depois é grande. Então, tipo, não é qualquer uma que pode botar as caras e falar o que acha e o que quer" (Jogadora 29). Outra jogadora complementa: "a gente pode ser tipo dispensada. E o mundo do futebol feminino é muito pequeno, então todo mundo se conversa" (Jogadora 22). O desejo de se posicionar publicamente e o medo das consequências foi uma tensão recorrente ao longo dos grupos focais.

Ao debater a imagem de protesto da Marta a jogadora 17 disse: "é muito fácil a gente chegar e falar assim, ah, eu peguei uma bandeira dessa e... mas na hora, o medo. E esse, mandar embora". Em outro grupo focal a jogadora 26 disse: "seria silenciada pro resto da vida. Porque os maiores sempre tentam silenciar os menores pra não conseguir o que a gente quer". Essas falas elucidam o mecanismo de silenciamento que opera no domínio disciplinar de poder (Collins e Bilge, 2021) e demonstram que são as posições dentro de campo esportivo que favorecem a possibilidade de agência.

No caso da Marta, visibilidade, reconhecimento e prestigio funcionaram como formas de proteção relativa contra retaliações, tornando a agência desigualmente distribuída entre as jogadoras. As atletas identificaram que o ativismo dela só foi possível por sua posição de estrela: "se fosse qualquer uma falando, não quero Nike dentro da seleção, aí já parou. Aí ia parar de ser convocada. Mas é a Marta" (Jogadora 5, negra). Em outro grupo, a Jogadora 27 aprofundou essa análise: "ela como tem nome, tem história, ela tem essa vontade de falar, mas ela sabia que ia ter suas consequências. Imagina se fosse outra jogadora que não fosse tão... um nome tão grande como o dela."

A dimensão racial também atravessa esse mecanismo de proteção desigual associado à visibilidade. Uma jogadora negra e lésbica da categoria principal descreveu como sua posição social muda conforme o contexto institucional: "eu sou aqui como representante [...], mas quando eu tô na rua, eu sou só uma mulher negra, lésbica e nananã, com meu alargador e beleza. E acabou. Agora, se eu coloco uma camisa de uma instituição, isso muda. Isso traz status, traz prestígio, traz um monte de coisa" (Jogadora 44).

Esse fala evidencia que a proteção relativa oferecida pela visibilidade institucional, como no caso da Marta, não opera de forma homogênea entre as atletas. Para essa jogadora, o reconhecimento simbólico da camisa institucional funciona como uma camada sobreposta e condicional, que convive com os marcadores identitários de raça e sexualidade, ainda operantes fora do contexto institucional. Embora os dados deste estudo não permitam uma análise sistemática das diferenças raciais no fenômeno do "calada vence", o relato aponta para a importância de futuras pesquisas que aprofundem essa interseção entre raça, sexualidade e agência no ativismo esportivo, especialmente dentro da própria estrutura de gestão dos clubes.

A precariedade das condições de trabalho, marcada por contratos instáveis, ausência de garantias trabalhistas e dependência estrutural dos clubes, também influencia a agência das jogadoras e reproduz relações de poder assimétricas (Barreira et al., 2025; Delarmelina et al., 2025; Martins et al., 2024a). A orientação institucional recebida por atletas de um dos clubes ilustra o mecanismo do domínio disciplinar de poder: "sempre fala pra gente, não dá entrevista, tipo, não fala sem ter alguém do clube para ser responsável por vocês [...] porque, dependendo da pergunta da pessoa, pode queimar a gente, queimar o clube" (Jogadora 27).

Um exemplo vivo disso ocorreu durante um grupo focal, quando um homem da gestão do clube entrou na sala e as jogadoras imediatamente ficaram em silêncio por alguns instantes, evidenciando como as relações de poder atravessam o clube. A interrupção momentânea das falas expôs como o silenciamento se produzia como uma experiência incorporada e continuamente atualizada nas interações cotidianas do futebol. Uma atleta explicitou essa experiência: "Aí eu preferi ficar na minha porque sempre a voz dos homens é mais alta que a minha. Então às vezes... muitas das vezes a gente mulher fica quieta com medo do que vai acontecer" (Jogadora 25). A jogadora 28 complementou: "A gente foi calada totalmente. Eu não me sentia confortável, eu não podia falar. [...] A gente não tinha essa voz, a gente não podia fazer isso."

No entanto, essa leitura estratégica e pragmática da agência não equivale à passividade. A Jogadora 39 descreveu como havia se tornado referência para uma menina de 11 anos na favela onde cresceu: "ela falou pra mim, sabe que você é minha inspiração aqui dentro e tal, por você estar aqui e você jogar fora, eu acredito que eu também possa. [...] às vezes a gente nem sabe, mas a gente tá influenciando as pessoas a fazerem as coisas boas". De forma semelhante, a Jogadora 12 relatou ter recebido uma mensagem de uma atleta que estava prestes a desistir do futebol: "ela viu que eu consegui vir pra um clube.

E isso motivou ela a continuar. Viu que era possível". Esses dados evidenciam formas cotidianas e relacionais de agência que, embora menos visíveis, configuram práticas ativistas no cotidiano, ao produzirem efeitos de inspiração e transformação nas trajetórias de outras atletas (Teixeira da Silva et al., 2026), evidenciando a capacidade de persistir no espaço esportivo apesar das resistências e retaliações (Raj et al., 2024, 2021). As falas das atletas também permitem visualizar que a agência frequentemente assume a forma de resistência (Raj et al., 2024, 2021), isto é, ações e posicionamentos produzidos sob ameaça concreta de punição, silenciamento ou exclusão profissional.

A agência coletiva também foi identificada como forma de negociação dentro dos clubes. A Jogadora 5 descreveu o funcionamento das reuniões das atletas: "se a gente quiser alguma melhoria, geralmente as líderes vão lá e conversam sobre. Tudo na base da conversa. Quem tem mais influência também geralmente é quem fala." Essa fala revela tanto a existência de canais de agência coletiva como seus limites, a voz das atletas é mediada por jogadoras "influentes" do grupo que é recepcionada por mulheres em cargos de liderança. Vale destacar que a presença de mulheres em cargos de liderança para realização desse "meio de campo" ainda não é uma realidade em muitos dos clubes de futebol de mulheres (Barreira et al., 2025; Guimarães et al., 2023; Passero et al., 2020). Isso sugere que a possibilidade de falar e ser ouvida permanece atravessada por hierarquias internas e de gênero.

"DEGRAUZINHO EM DEGRAUZINHO": OBJETIVOS AUTODETERMINADOS E IMAGINAÇÃO COLETIVA DO FUTURO

A terceira dimensão, os objetivos autodeterminados, refere-se às aspirações que as próprias jogadoras constroem para si e para o esporte de forma não imposta (Raj et al., 2021). Nos grupos focais, os objetivos autodeterminados apareceram menos associados a conquistas individuais de carreira e mais vinculados à ideia de transformação geracional do futebol de mulheres. As atletas declaravam que suas trajetórias eram percebidas como parte de um processo histórico contínuo de ampliação de direitos e oportunidades, que construíam um futuro de maior legitimidade no futebol para outras meninas e mulheres.

A mudança ao longo do tempo foi um tema central. As jogadoras reconhecem que as transformações são lentas, mas acreditam em sua continuidade. Em um dos grupos focais, jogadoras do Sub-20 disseram: "a gente tá numa crescente, né? Devagar, mas a gente está crescendo" (Jogadora 32); "Degrauzinho em degrauzinho" (Jogadora 39); "depende de nós, né? Depende de nós, que é a [categoria de] base que é o futuro..." (Jogadora 38). Nessas falas, o futuro é visto como responsabilidade coletiva, especialmente pelas jogadoras do Sub-20 que se percebem como parte histórica de transformação. A jogadora 27 reforçou: "eu acho que sempre vai ser uma constância eu lutar por direito, lutar por igualdade de gênero, igualdade salarial, acho que sempre vai ser uma luta pro feminino". A Jogadora 23 foi mais incisiva: "a gente vai incomodar até a gente conseguir a igualdade".

Os objetivos autodeterminados incluíam também a responsabilidade com as gerações mais jovens. A jogadora 11 deixa claro em sua fala: "às vezes a gente acha que nem... mas, assim, todo mundo aqui recebeu mensagem das meninas mais novas, falando que a gente é referência, que se inspiram, que um dia vai ser elas". Essa perspectiva foi especialmente nítida nas atletas Sub-20 do Nordeste, que descreveram as melhorias das condições de treino como resultado acumulado das lutas de gerações anteriores: "Assim como as que já estavam aqui [...] essas que lutaram, veio pra elas também, e elas lutaram pra eu e elas que chegou depois [...] E a gente que treinava duas vezes na semana, a gente lutou pra elas, virem e ter treino na semana toda e a academia" (Jogadora 19). "Não tinha isso antes. Então é por isso que eu acho que as meninas, as que estão vindo vão ter uma estrutura melhor ainda, porque a gente tá lutando por elas também" (Jogadora 18).

A mesma lógica aparece na leitura da imagem de Marta: "Ela mudou uma geração com uma atitude. Então a gente também pode mudar com as nossas atitudes. Tipo, a gente é sub-20, a gente vai levar para o sub-15. Sub-15 vai levar para o sub-13. E assim vai" (Jogadora 23). Essa cadeia de mudanças passadas por gerações, coloca as jogadoras mais jovens como agentes de transformação estrutural e não apenas como beneficiárias de avanços produzidos por gerações anteriores (Alcântara et al., 2026b). O processo de referenciação também emerge como uma forma de construção de objetivos autodeterminados. Uma jogadora nordestina da categoria principal, descreveu: "Elas olham assim e fala, ela tá lá, se ela pode, eu também posso. Hoje, eu acho muito interessante porque eu já dei palestra [...] é surreal pra mim" (Jogadora 46). Essa identificação concreta com trajetórias possíveis reconfigura o horizonte do possível para jovens do mesmo local de origem, especialmente de regiões fora do eixo Sul-Sudeste (Accocella et al., 2023; Martins et al., 2024b; Sena et al., 2024).

Os objetivos autodeterminados no futebol de mulheres, portanto, não se expressaram nos grupos focais como metas individuais de carreira, mas como projeto coletivo de transformação do esporte e abertura de caminhos para gerações futuras, evidenciando formas de resistência e ativismo que não se manifestam necessariamente em protestos públicos, mas na construção cotidiana de transformação compartilhada (Raj et al., 2024). Por um lado, esse resultado pode ser fruto da própria forma de produção dos dados, uma vez que ao priorizar a troca coletiva, tende a favorecer a geração de consensos ou visões generalizadas do grupo, o que pode diminuir o espaço da fala sobre a aspiração específica e única de cada sujeito.

"É UMA TERAPIA": O GRUPO FOCAL COMO ESPAÇO DE EMPODERAMENTO COLETIVO

Um quarto tema emergiu transversalmente em todos os grupos e se difere dos anteriores, por não ser uma dimensão específica do framework EMERGE. A experiência do grupo focal como um espaço de empoderamento coletivo, espaço que não existia antes e permitiu as atletas falarem sobre coisas que normalmente não podiam ser ditas. Como evidenciara a jogadora 28: "se eu tiver muita liberdade, vou falar" e a jogadora 26: "tem muita coisa que a gente não pode falar ou se expressar porque vai manchar a marca do masculino [...]".

A metáfora mais recorrente foi a de terapia. No início de um dos grupos as jogadoras 23 e 28 disseram quase simultaneamente: "parece grupo de terapia". A mesma percepção apareceu nos demais grupos no momento do seu encerramento: "Tô até leve. É uma terapia" (Jogadora 38)[2]. Esse alívio produzido pelo ato coletivo de nomear experiências, por vezes, dispersas e muitas vezes silenciadas indica que o grupo focal criou uma experiência difícil de encontrar no cotidiano das jogadoras dentro dos clubes, a possibilidade de falar livremente sobre suas vivências de desigualdade, violência, medo e expectativa. O contraste ficou evidente no já mencionado episódio em que a entrada de um homem na sala interrompeu momentaneamente a conversa, e a liberdade de falar retornou apenas com sua saída.

Esse efeito não foi acidental, o protocolo de foto-elicitação criou condições específicas: anonimato garantido, ausência de hierarquia institucional, imagens que legitimavam o debate sobre desigualdade e ativismo, e pesquisadoras que se identificava como pertencente à mesma comunidade. As fotos operaram como convites para a reflexão coletiva sobre temas que raramente são discutidos nos espaços formais dos clubes (Azzarito, 2010; Sparkes e Smith, 2013). As jogadoras não apenas responderam às imagens, elas as usaram como espelhos: "Entra muito naquela foto passada, do protesto. Tipo, de se sentirem ameaçadas [...] eu sempre me sinto ameaçada [...] dou a minha cara a tapa por situações que deveriam ser obrigatórias, que não são" (Jogadora 42).

Ao falar livremente sobre desigualdade, algo que pode custar o emprego, várias emoções foram geradas. A jogadora 44 da categoria principal, relacionou sua emoção ao reconhecimento de que as atletas raramente encontram espaços de escuta: "quando ela falou sobre isso, meu olho encheu de lágrima e eu comecei a lembrar de todos os lugares que eu já participei, você nunca é bem-vindo"; "Triste" (Jogadora 21) "E necessária" (Jogadora 19 – duas respostas imediatas à imagem do mesmo protesto). Além da esperança que as fotos das próprias equipes despertaram: "acho que essa foto, pra mim, ela representa um sonho [...] poder vestir a camisa de um clube oficial" (Jogadora 33); "ver essa foto aí me dá vontade e esperança de realizar esse sonho de estar aí junto, sorrindo aí nessa foto com todas as atletas que também estão na minha família" (Jogadora 36).

Os grupos focais produziram um espaço seguro de nomeação coletiva que, para muitas participantes, representou a primeira oportunidade de articular publicamente experiências de desigualdade e de reconhecer nelas uma dimensão política, e não apenas pessoal. Isso permitiu não somente ouvir as jogadoras, mas possibilitou a construção coletiva de sentido e reflexividade, não apenas com o único objetivo de captura em uma coleta de dados (Braun e Clarke, 2023). Essa função do espaço dialógico dialoga diretamente com a concepção de empoderamento como processo relacional e coletivo, que ocorre também nas interações e nos espaços que permitem que experiências comuns sejam reconhecidas como tais (Berth, 2019; Raj et al., 2024). Mais do que produzir dados, o grupo focal funcionou como espaço onde as atletas puderam articular, coletivamente, a consciência crítica, a agência e os objetivos autodeterminados que compõem as dimensões do empoderamento.

CONCLUSÃO

Este estudo analisou como jogadoras de futebol no Brasil percebem o ativismo esportivo, a agência e o grupo focal como espaço de empoderamento coletivo. Os resultados mostram que o empoderamento não se apresenta como atributo individual ou processo linear, mas como uma experiência relacional, construída coletivamente ao longo do processo de transformação do futebol de mulheres, atravessada pelas hierarquias internas e de gênero dentro dos clubes.

As atletas demonstraram consciência crítica acerca da historicidade das desigualdades de gênero no futebol, ao mesmo tempo em que revelaram uma agência mais saliente em termos de resistência, dada as precariedades estruturais e os mecanismos de silenciamento disciplinar presentes no contexto do futebol de mulheres. Ainda assim, essa agência se expressa em formas cotidianas de ação e de resistência, que incluem inspirar outras meninas, negociar melhorias no ambiente dos clubes e persistir em espaços historicamente excludentes. Os objetivos autodeterminados, por sua vez, apareceram como aspirações coletivas voltadas à ampliação de direitos, melhores condições de trabalho e abertura de caminhos para as próximas gerações.

[2] A recorrência da metáfora da terapia entre as participantes não deve ser confundida com intervenção terapêutica: nenhuma psicóloga estava presente e o grupo focal não foi concebido com essa finalidade. O que a metáfora revela é a ausência de espaços seguros de escuta nos clubes, espaços que a terapia representa culturalmente como lugar de fala sem medo de represálias. O grupo focal reproduziu essa condição por outros meios como anonimato, ausência de hierarquia institucional e foto-elicitação como mediadora do debate.

Um dos principais achados do estudo foi mostrar que o próprio grupo focal funcionou como espaço de empoderamento coletivo. Esse espaço permitiu que as jogadoras nomeassem experiências silenciadas, compartilhassem sentidos e reconhecessem a dimensão política de suas vivências. Do ponto de vista prático, os resultados sugerem que clubes, federações e programas de formação esportiva avancem na criação de espaços regulares de diálogo coletivo entre jogadoras, espaços institucionalmente protegidos e seguros, nos quais a palavra das atletas possa circular sem os custos, como o medo de perder o emprego ou comprometer a carreira, que no cotidiano do esporte de alto rendimento acabam levando ao silêncio. O grupo focal não foi apenas um instrumento de coleta de dados, mas também um ato político.

FINANCIAMENTO

Este estudo foi financiado em parte pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código Financeiro: 141498/2023-4 e Secretaria Nacional de Futebol e Defesa dos Direitos do Torcedor (SNFDT), Ministério do Esporte (TED nº 01/2020).

CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores declaram não haver conflitos de interesse.

DISPONIBILIDADE DE DADOS

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo está disponível mediante solicitação ao autor correspondente: Nome do autor correspondente: Chellsea Hortêncio Alcântara. Motivo da restrição: São dados qualitativos e com fácil identificação das participantes da pesquisa, para mandar a confidencialidade foi preferido a não divulgação.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Chellsea Hortêncio Alcântara: Conceitualização; Métodos; Análise dos dados; Administração do projeto; Redação, revisão e edição

Mariana Zuaneti Martins: Conceitualização; Métodos; Análise dos dados; Redação, revisão e edição

João Cláudio Braga Pereira Machado: Conceitualização; Redação, revisão e edição

Larissa Rafaela Galatti: Conceitualização; Supervisão; Redação, revisão e edição

REFERÊNCIAS

Accocella LR, Silva LFN, Martins MZ, Galatti LR. Da proibição à ascensão (onde?): mapeamento geográfico dos locais de nascimento das atletas e dos clubes de futebol de mulheres participantes do campeonato brasileiro. Motrivivência. 2023;35(66):1-17. https://doi.org/10.5007/2175-8042.2023.e93441.

Alcântara CH, Barreira J, da Costa NC, Rossato M, Machado JCBP, Galatti LR. Developmental pathways and practice activity profiles of women's football players in Brazil. J Sports Sci. 2026a;44(17-18):2580-8. https://doi.org/10.1080/02640414.2026.2633807. PMid:41715919.

Alcântara CH, Martins MZ, Collet C, Pereira Machado JCB, Galatti LR. Do Brazilian women football players consider themselves feminists? Approaches to gender equality and empowerment. Soccer Soc. 2026b;27(2-3):551-74. https://doi.org/10.1080/14660970.2025.2603778.

Alcântara CH, Paiva MAQ, Amaral LL, Martins MZ, Mazzei LC, Galatti LR. Bolsa atleta e futebol de mulheres. Corpoconsciência. 2024;28:e17250. https://doi.org/10.51283/rc.28.e17250.

Azzarito L. Ways of seeing the body in kinesiology: a case for visual methodologies. Quest. 2010;62(2):155-70. https://doi.org/10.1080/00336297.2010.10483639.

Barreira J, Wunderlich Casemiro K, Facio Angeli J, Batista AB, Santos S. Desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil. Movimento (Porto Alegre). 2025;31:e31028. https://doi.org/10.22456/1982-8918.144366.

Berth J. Empoderamento. São Paulo: Pólen; 2019.

Braun V, Clarke V. Toward good practice in thematic analysis: Avoiding common problems and be(com)ing a knowing researcher. Int J Transgender Health. 2023;24(1):1-6. https://doi.org/10.1080/26895269.2022.2129597. PMid:36713144.

Braun V, Clarke V. Reflecting on reflexive thematic analysis. Qual Res Sport Exerc Health. 2019;11(4):589-97. https://doi.org/10.1080/2159676X.2019.1628806.

Braun V, Clarke V. Using thematic analysis in psychology. Qual Res Psychol. 2006;3(2):77-101. https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa.

Braun V, Clarke V, Weate P. Using thematic analysis in sport and exercise research. In: Smith B, Sparkes AC, editors. Routledge handbook of qualitative research in sport and exercise. Abingdon: Routledge; 2016. p. 213-27.

Collins PH, Bilge S. Interseccionalidade. São Paulo: Boitempo; 2021.

Delarmelina GB, de Souza LC, Martins MZ. Professionalization of women's football in Brazil: perspectives and challenges in athletes' working conditions. Soccer Soc. 2025;27:(2-3):238-55.

Dunning E. Sport as a male preserve: notes on the social sources of masculine identity and its transformations. Theory Cult Soc. 1986;3(1):79-90. https://doi.org/10.1177/0263276486003001007.

Goellner SV. Mulheres e Futebol no Brasil: Descontinuidades, resistências e resiliências. Movimento (Porto Alegre). 2021;27:e27001. https://doi.org/10.22456/1982-8918.110157.

Guimarães KL, Barreira J, Galatti LR. Ser mulher em um curso de futebol já é começar com um passo atrás. Movimento (Porto Alegre). 2023;29:e29010. .

Magrath R. Athlete activism: contemporary perspectives. London: Routledge; 2021. https://doi.org/10.4324/9781003140290.

Martins MZ, Delarmelina GB, de Souza LC. Relações de trabalho no futebol de mulheres: modernização e desafios. Revista Da Universidade Federal de Minas Gerais. 2024a;31:e054309. https://doi.org/10.35699/2965-6931.2024.54309.

Martins MZ, Delarmelina GB, de Souza LC. Mapeando as margens do futebol de mulheres no Brasil: um olhar interseccional sobre as experiências e as barreiras para a prática desse esporte. Rev Bras Ciênc Esporte. 2024b;46:e20240061. https://doi.org/10.1590/rbce.46.e20240061.

Martins MZ, Reis H. O mercado de trabalho no futebol brasileiro: crescimento e desigualdades salariais e regionais. Soc Estado. 2025;40(3):e57138. https://doi.org/10.1590/s0102-6992-20254003e57138.

Martins MZ, dos Reis HHB. "Nós não somos homens menos capacitados": estratégias e demandas das jogadoras de futebol da Espanha. Athenea Digit. 2018;18(3):e-2148. https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2148.

Passero JG, Barreira J, Tamashiro L, Scaglia AJ, Galatti LR. Futebol de mulheres liderado por homens: Uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem. Movimento (Porto Alegre). 2020;26:e26060. https://doi.org/10.22456/1982-8918.100575.

Pisani MS, Hang J, Moreira V. Violencias de género y activismo de jugadoras de fútbol en Argentina y Brasil. Estud Fem. 2025;33(2):e105342. https://doi.org/10.1590/1806-9584-2025v33n2105342.

Raj A, Dey A, Lundgren R. A conceptual framework for measuring women's empowerment: Evidence-based Measures of Empowerment for Research on Gender Equality [EMERGE]. San Diego (CA): EMERGE Team; 2021.

Raj A, Dey A, Rao N, Yore J, McDougal L, Bhan N, et al. The EMERGE framework to measure empowerment for health and development. Soc Sci Med. 2024;351(Suppl 1):116879. https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2024.116879. PMid:38825382.

Ruggiano N, Perry TE. Conducting secondary analysis of qualitative data: Should we, can we, and how? Qual Soc Work. 2019;18(1):81-97. https://doi.org/10.1177/1473325017700701. PMid:30906228.

Scott JW. Gender as a useful category of historical analysis. In: Parker R, Aggleton P, editors. Culture, society and sexuality: a reader. 2nd ed. London: Routledge; 2007. p. 61-81. https://doi.org/10.4324/9780203966105-16/GENDER-USEFUL-CATEGORY-HISTORICAL-ANALYSIS-JOAN-WALLACH-SCOTT.

Sena AKS, Sena ABS, dos Santos VM, Machado JC, Krahenbühl T, Leonardo L. O impacto do regulamento de licença de clubes da CONMEBOL no campeonato brasileiro de futebol feminino (2013-2024). Revista Brasileira de Futebol. 2024;17:67-79.

Sparkes AC, Smith B. Qualitative research methods in sport exercise and health: From process to product. In: Sparkes AC, Smith B, editors. Qualitative research methods in sport, exercise and health: from process to product. London: Routledge; 2013. 280 p. https://doi.org/10.4324/9780203852187.

Teixeira da Silva JA, Scelles N, Deutscher C. Sport-based social justice movements and activism: a narrative review. Sport Soc. 2026;29(4):753-72. https://doi.org/10.1080/17430437.2025.2518097.

Valiente C. Elite athlete activism for gender equality in sport: Women's football in Spain. In: Magrath R, editor. Athlete activism: contemporary perspectives. London: Routledge; 2021. p. 109-19. https://doi.org/10.4324/9781003140290-11.

Williams J. An equality too far? Historical and contemporary perspectives of gender inequality in British and International football. Historical social research. Hist Soz Forsch. 2006;31:151-69.